

Socializando

Salvador - BA
Março / 2006
Nº 01



Editorial

Olá caros colegas da UFBA, sejam todos bem vindos a este semestre de 2006.1, calouros, veteranos, professores e funcionários! Vamos conviver mais uma vez nesta Universidade Pública, e garantir que muitos ainda tenham a oportunidade de vivenciá-la também.

Com muita satisfação apresentamos aos colegas desta Universidade o jornal "Socializando", o novo veículo de comunicação do Diretório Central dos Estudantes DCE UFBA, com tiragem mensal. Aqui traremos matérias sobre os principais indicadores da Conjuntura, para que façamos juntos uma leitura da realidade. Traremos também matérias sobre as pautas do Movimento Estudantil ME UFBA e o que está acontecendo no ensino superior, principalmente, na nossa Universidade, para que seja reduzido ao mínimo o vácuo entre a situação real da UFBA e a compreensão que os estudantes têm sobre ela.

Sabemos que só com uma Comunidade Acadêmica informada e com participação ativa na discussão dos problemas da Universidade, é que poderemos efetivamente resolvê-los. Como é um dos objetivos desta entidade, fomentar a participação dos estudantes, estamos aqui revitalizando mais um mecanismo de conquistar um ME forte e combativo diante das pressões capitalistas de destruir a Universidade Pública.

O jornal trará ainda, informativos com eventos relacionados ao ME no Brasil e na UFBA, para que todos acompanhem o que os representantes estão fazendo em nome dos estudantes e, principalmente, contribuam com estes mesmos representantes na luta, debatendo, se posicionando e comparecendo aos espaços e fóruns deliberativos do ME.

Este é só o primeiro número. Muita coisa ainda está por vir. Tenha uma excelente leitura e até o próximo.

DCE UFBA Gestão O Coletivo



UFBA 60 anos: As contradições e a luta em defesa da autonomia

Por Celi Zulke Taffarel Professora Dra. Titular FAGED/UFBA.

A UFBA ocupa hoje o 11º lugar entre as grandes universidades públicas do Brasil em número de Grupos de Pesquisa e de Professores pesquisadores, e está constituída por um corpo de, aproximadamente, 1.691 docentes, 19.403 discentes e 3.547 funcionários Técnico-Administrativos. Possui 59 cursos de graduação oferecendo 4.000 vagas anuais, e 79 programas e cursos de Pós-Graduação *Stricto*, com aproximadamente 3.200 alunos. Alguns dos cursos de graduação estão entre os mais antigos do Brasil e que vem contribuindo decisivamente com a história do ensino superior na Bahia, a qual remonta a 1808, quando os portugueses criaram a 1ª escola de Medicina da América Latina.

Ao completar 60 anos a UFBA constitui, juntamente com mais 54 unidades, o sistema de Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil. Está localizada em um dos maiores bolsões de miséria humana da América Latina o nordeste brasileiro e vem, em anos e anos a fio, contraditoriamente, desempenhando o papel de formar e produzir conhecimentos para aliviar o sofrimento das amplas massas, mas fazendo-o, em uma evidente confrontação de interesses antagônicos e, sob a hegemonia das forças das elites, que restringem seu crescimento e sua expansão. Mais do que nunca, em toda a sua contraditória e difícil história, a UFBA está sendo atacada pelas medidas que visam mercadorizar a educação em nosso país e vem sendo tutelada por medidas de governo que comprometem sua autonomia.

Está em risco o ideário da autonomia institucional; liberdade acadêmica para professores e estudantes; integração entre ciência e cultura; escolha interna de dirigentes conforme regras estabelecidas; verbas públicas para viabilizar as condições necessárias às funções precípuas; normatização legislativa para assegurar as condições de sua existência; estabilidade dos professores para exercerem sem constrangimento a cátedra; complementariedade entre ensino básico e superior.

Nestes 60 anos destaco a luta de resistência singular de estudantes, professores, técnicos-administrativos e, em alguns poucos reitorados, frente aos ataques contra a autonomia e o princípio expresso no art. 207 da Constituição Federal. Destaco o resultado do trabalho de muitos que nunca abriram mão do princípio da integração ensino-pesquisa-extensão, da autonomia didática, política, financeira e de gestão da universidade. Destaco a luta dos que buscaram expandir a UFBA, democratizá-la, ampliar o acesso das amplas massas ao ensino superior, não de maneira oportunista no rastro de políticas para aliviar a pobreza, mas sim, no lastro da defesa de políticas

universalistas. Lamentavelmente, menos de 10% da juventude e dos adultos frequentam o ensino superior na Bahia e, a maioria paga, e caro por este bem público.

O Brasil é o país com os mais altos índices de ensino privatizado na América Latina, em especial na Bahia, filhos e filhas procedentes e descendentes principalmente da classe trabalhadora, os afro-descendentes, vêem seus sonhos destruídos, suas esperanças vilipendiadas, seu futuro condenado a miséria humana imposta pela ignorância, assassinando-se assim moralmente, gerações e gerações, frustradas em seu direito a educação superior pública. Ao completar 50 anos foi reconhecido pelo professor Felipe Serppa, ex-reitor da UFBA, que um dos principais desafios da Universidade era a luta pela sua autonomia, bem como, a luta para enfrentar a crise da Universidade, a falta de professores, a fragilidade do esquema financeiro e a posição da sociedade frente à educação.

Ressalto a resistência dos três setores da UFBA que se manifestaram nas ruas, ocuparam a reitoria, mobilizaram greves situando-se no conjunto das lutas do povo contra a destruição de direitos e dos serviços públicos. Resistência em defesa das suas reivindicações que, em última instância, significam recursos adequados para manter a vida universitária financiamento público adequado da educação, assistência estudantil, condições objetivas adequadas para o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão de qualidade, socialmente referenciada, salários compatíveis, condizentes, dignos e, autonomia universitária de gestão, acadêmica didática, científica, pedagógica, financeira, patrimonial. Para situar o que significa esta luta que tem sua expressão na Bahia, singularmente na UFBA e, para reconhecer tendências de um processo histórico, recorremos a dois fatos para ilustrar as contradições presentes dentro da Universidade.

O primeiro fato ocorreu na Universidade de Götting, onde um grupo de sete professores, no ano de 1837, protestou contra a ingerência do "König von Hannover Ernest August" (O Rei de Hanover - Ernest August, o tirano, a tristeza do povo) que exigia dos professores que se submetessem a sua autoridade. Esses sete professores - hoje reconhecidos como "Die Göttinger Sieben" (Os Sete de Götting), lançaram um protesto e se dirigiram ao povo com um Manifesto - "A universidade perde sua honra se não puder fazê-lo com autonomia".

Outro fato que ilustra as contradições ocorreu no Brasil, na UFBA, no dia 16 de maio de 2001, quando, em uma atitude arbitrária, autoritária, anticonstitucional, a tropa de choque da polícia militar é chamada para intervir na pacífica manifestação em curso na universidade, pela cassação de um parlamentar corrupto. Com a intervenção da polícia, cessou o livre pensar, cessou a liberdade e a autonomia e prevaleceu a coerção imposta pelo braço armado do Estado. Ato este que foi julgado e condenado, tendo o Estado, posteriormente, de indenizar a universidade pelos prejuízos causados. O documentário "CHOQUE", elaborado pela equipe da "Grifo", nos apresenta as imagens desse brutal acontecimento.

Que os sacrifícios dos nossos antepassados e dos nossos contemporâneos nos sirvam de lastro para nos impulsionar a enfrentar os desafios presentes, nos sirvam de arco que se dobrou para lançar novas flechas, nos sirvam de exemplo para que também nós possamos dizer com veemência "eu defendo a universidade pública", por isto, vale a pena viver, por isto vale a pena lutar, porque isto diz da luta de um povo pela sua soberania.

A Constituição Federal garantiu às universidades públicas, pelo teor de seu art. 207, autonomia para que os sujeitos que fazem a universidade tenham a possibilidade de se autogerirem, evitando o controle pelo executivo e para não serem confundidas com órgãos de governo, apesar de serem estatais. Qualquer ato que fira a Carta Constitucional merece pronta e enérgica irrisignação e ação, inclusive judicial.

Nos últimos anos de gestão de políticas neoliberais, impõem-se reformas do Estado e ajustes estruturais, gerando atos administrativos que visam ao controle rígido de gestões administrativas, financeiras e de pessoal nas universidades, para reduzir gastos com os serviços públicos cuja observância são uma afronta de ordem gravíssima à autonomia universitária. Um exemplo deste controle é o caso das universidades que estão sendo transformadas em Organizações Sociais (OS), para que cumpram metas estabelecidas pelo governo, mediante contratos de gestão que, não sendo atingidas, implicam não-financiamento ou em cortes no repasse de recursos orçamentários para as IES, caracterizando a retirada da responsabilidade constitucionada do Estado com a educação superior pública.

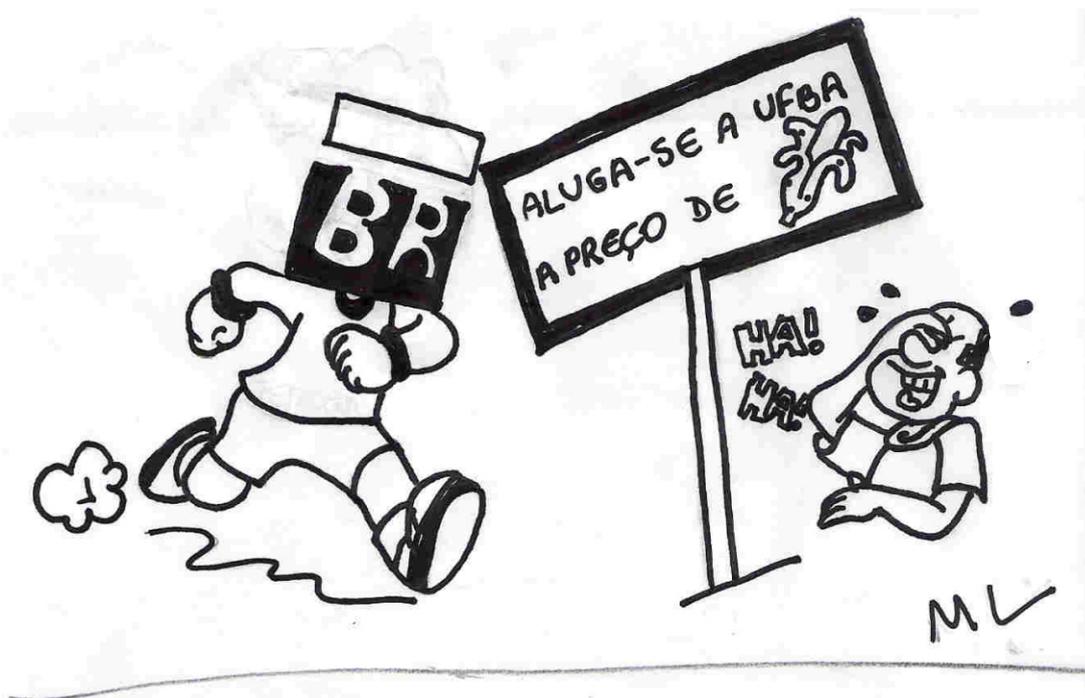
Quanto à perda de autonomia didático-científica, esta se dá, por exemplo, pela imposição de uma lógica que introduz a Lei de Patentes, a Lei de Inovação Tecnológica, que cria parcerias comprometedoras entre o Estado, as empresas privadas e a universidade, que ditam o que deve ser produzido, posteriormente adquirido pelo próprio Estado, sujeitando as universidades a interesses meramente econômicos e aos ditames de matrizes políticas, científicas & tecnológicas obsoletas e altamente degradantes do meio ambiente e das relações humanas.

A UFBA em seus 60 anos nunca esteve incólume às disputas com as forças reacionárias dominantes na Bahia, forças estas que devem responder pelo atraso do sistema público federal de ensino superior no Estado. Ninguém duvida de que a ciência produzida na UFBA e nas demais universidades é capaz de servir ao ser humano, mas, ao mesmo tempo, é um fato o uso de seus resultados em detrimento da humanidade.

A Universidade pública, gratuita, laica, de qualidade, socialmente referenciada, necessita sim, ser ocupada por todos os que nela queiram entrar, estudar, pesquisar, derrubando-se todas as barreiras para que se ocupe, se resista, se produza, se preserve este legado, este patrimônio da humanidade que deve estar a serviço das transformações sociais que humanizam o processo civilizatório e não o coloquem em colapso como é o que vivemos na atualidade. Essas ações estão sintonizadas com o brado dos trabalhadores do mundo inteiro que clamam: **"A luta continua e é para vencer"**. Como em 1837 e em 2001, hoje, em 2006, comemoramos os 60 anos da UFBA, por convicção ética e política, por esclarecimento científico e por intuição criativa.

Para barrarmos as iniciativas de destruição da universidade pública, devemos nos orientar pelos exemplos da luta de classes, e aqui explicitarei dois, de onde advêm os pontos de apoio para as estratégias atuais, entre as quais se destacam: não abrimos mão das bandeiras históricas, não rebaixar as reivindicações e não deixarmos de usar os instrumentos legítimos de luta construídos ao longo da história da humanidade para defendermos a UFBA pública, gratuita, laica, de qualidade, socialmente referenciada. Se não o fizermos agora, pagaremos para sempre. **Sem isto, a barbárie se aproxima.**

UFBA é alugada à Universidade da Petrobrás



Ouçam todos! Ótima novidade! A UFBA (universidade pública nordestina) assinou um termo de cooperação com a Petrobras, empresa estatal que está entre as maiores do mundo, teve lucratividade recorde no ano passado e é um dos orgulhos de nossa nação!

Quem, ao receber uma notícia como esta, não pensaria que a nossa Universidade está fazendo um ótimo negócio? A maioria da nossa comunidade universitária, ou, ao menos, a maioria da pequena parte que ficou sabendo, deve estar vendo tudo isso de maneira bastante otimista, principalmente os que costumam se informar no UFBA em Pauta. Mas para estes, e para os "menos" informados, aqui vão algumas ponderações que, com absoluta certeza, não foram feitas nas "democráticas" mídias oficiais da reitoria.

Começemos com uma contradição óbvia: a UFBA precisa terminar as obras do Pavilhão de Aulas da Federação 3 PAF 3 (há mais de quatro anos) para ter mais salas de aulas. Mas a Petrobras, para custear o restante das obras, vai apossar-se do PAF 2, **com exclusividade**, por 10 anos ou mais, para montar uma universidade corporativa (capacitar seus funcionários) dentro da UFBA. Além disso, este termo de cooperação prevê a criação de uma comissão paritária (vulgo metade-metade) para gestão das relações contratuais entre UFBA e Petrobras; estas decisões não passarão pelo Conselho Universitário. Ou seja, a Universidade perde autonomia em uma área interna ao seu *campi*. Além disso, esse termo vai de encontro aos princípios dos que de modo "ingênuo" acham (e estão respaldados pela Constituição de 1988) que a educação é direito de todos e dever do estado, que, portanto, deve financiá-la totalmente.

Os "estudantes" da Petrobras terão acesso ao restaurante universitário que ainda não está pronto para alimentar os estudantes da UFBA, mas já serve como barganha para assinar um termo de cooperação

Mas, para tentar sensibilizar os mais pragmáticos (grande maioria), que não acreditam mais que os governos vão realmente responsabilizar-se pela educação pública, tentaremos esclarecer alguns detalhes deste termo de cooperação. Afinal, com o quê cada uma das partes envolvidas entra nesse "negócio da China"? Bem, como já dissemos, a Petrobras compromete-se a terminar as obras do PAF 3 (se estas não ultrapassarem o valor de 4 milhões). Já a nossa pobre Universidade ajuda como pode: "empresta", de bom coração, todo o PAF 2 para a Petrobras montar a sua universidade corporativa, dando livre acesso aos estacionamentos, bibliotecas e auditórios do *campus* de Ondina (coração de mãe sempre cabe mais um). Além disso, os "estudantes" da Petrobras terão acesso ao restaurante universitário, que ainda não está pronto para alimentar os estudantes da UFBA, mas já serve como barganha para assinar um termo de cooperação que, se fosse bom para a nossa Universidade, provavelmente não seria colocado em votação no final do ano, sem discussão alguma com a comunidade universitária e quando todos estão saindo de férias.

Em resumo, a riquíssima e "caridosa" Petrobras vai fazer o favor de montar a sua universidade corporativa em nossa precária e ultrapassada estrutura de universidade pública e, nós recuperaremos as salas "emprestadas" em 10 anos se 4 milhões derem para acabar o PAF3 (é óbvio que não dá) Se já não conhecêssemos a boa vontade dos nossos dirigentes com as "inovações" e (pós)"modernidades" na gestão pública e o grande senso comum de que pior do que está não pode ficar, estaríamos pensando em que outros interesses sustentam este termo de "exploração".

O DCE UFBA é contra este ACORDÃO!

Velho Chico: digamos não à transposição

O Projeto de Integração do Rio São Francisco é a mais nova denominação para a velha e mesmíssima transposição das águas do velho e cansado São Francisco. O governo, já não mais tão surpreendente, utiliza-se do problema da seca nordestina para promover a privatização das águas e atender às necessidades dos grandes coronéis do nordeste.

Além de ser desnecessário, o projeto de transposição apresentado pelo Governo Lula possui erros primários, pois desconsidera o impacto ambiental, social, econômico e cultural do semi-árido brasileiro.

Um Rio que há anos necessita de revitalização, pois a situação de assoreamento por erosão das margens é generalizada, não pode ter suas águas desviadas. Qualquer criança entende que um paciente em estado grave não pode doar sangue, qualquer quantidade que seja. Ainda mais que estas águas, segundo o próprio projeto, servirão ao agro-negócio e menos de 5% por cento para o consumo humano direto.

Há os que tentam convencer o governo usando argumentos técnico-científicos, há os que fazem a luta judicial, usando a constituição para tentar barrar a

transposição, e, por fim, há os que acreditam que a luta pela vida do Velho Chico é nas ruas, nas manifestações, nas passeatas, todos unidos na tentativa de salvar este belo e tão necessário rio.

De uma coisa todos devemos saber, é um projeto irresponsável, que causará sérios danos sócio-ambientais. Muitos especialistas já comprovaram que é um erro, em setembro do ano passado tivemos um excelente seminário sobre a Transposição aqui na UFBA, onde o professor João Abner Guimarães (Professor de Hidrologia da UFRN) nos mostrou os aspectos técnicos que inviabilizam a execução e a Dra. Luciana Khoury (Promotora de Justiça/BA e Coordenadora do Projeto de Defesa do Rio São Francisco) nos mostrou os aspectos jurídicos que defendem a população ribeirinha contra mais este massacre. O mais significativo argumento é que mais uma vez a indústria da seca não fechará suas portas, a transposição não vem resolver a sede do nordestino e sim atender aos interesses dos grandes.

Por isso, nós do Movimento Estudantil nos posicionamos contrários à Transposição e favoráveis a Revitalização do nosso Bom e Velho Chico.

Qualquer criança entende que um paciente em estado grave não pode doar sangue.

A luta por um Hospital Universitário 100% SUS e de qualidade! Cadê os 47 milhões que a FBC deve à UFBA?



Em 1998 estudantes da área da saúde da UFBA começaram a denunciar a situação absurda vivenciada no HUPES (Hospital Universitário Prof. Edgar Santos). Uma Fundação de direito privado (Fundação Baiana de Cardiologia) administrava todo o setor de cardiologia do Hospital, privatizando este setor através do atendimento via convênios e planos privados de saúde. Uma prática comum era a discriminação a pacientes do SUS, negando a estes tratamentos ofertados apenas a pacientes de convênios, tratamentos que poderiam salvar a vida de muitas pessoas. Além da dupla-porta, privilegiando vagas para pacientes dos convênios, foi estabelecido que estudantes de graduação em saúde deveriam evitar examiná-los (lembrando que isto ocorrendo dentro de um Hospital de Ensino). Além destas questões éticas, outra questão sempre levantada foi que a FBC não cumpria o convênio estabelecido de repasse de 30% do faturamento para a UFBA.

Nesta época a maioria dos docentes tinha medo de fazer qualquer crítica à FBC. Os estudantes eram chamados de "moleques". Os DAs (Diretórios Acadêmicos) da área da saúde se organizaram e levaram esta luta para o DCE que puxou esta pauta no Conselho Universitário (CONSUNI). Paralelamente a isto, uma auditoria do Ministério da Saúde foi feita em 2002, comprovando a quase totalidade das denúncias feitas pelos estudantes.

A partir daí uma histórica luta se trava no Consuni. Já convencidos de que realmente a FBC estava cometendo uma série de irregularidades no HUPES, muitos diretores de unidades, articulados pelo atual reitorado, propagaram a idéia de que apesar de tudo isto a UFBA dependia da

qualidade dos serviços prestados pela FBC. A reitoria tentou alardear na imprensa a falsa idéia de que o serviço de cardiologia da UFBA acabaria com a saída da FBC.

No entanto, o movimento estudantil mostrou sua força e puxou este debate internamente em cada unidade de ensino da UFBA, pressionando os diretores a votarem pela rescisão do convênio com a FBC. Em janeiro de 2003 o CONSUNI toma a decisão de cancelar o convênio da UFBA com a FBC. Vale frisar que o Reitor Naomar votou contra esta proposta.

O reitorado demorou quase dois anos para cumprir a deliberação do CONSUNI. Somente em novembro de 2004 a FBC sai do HUPES. No entanto levou consigo cerca de 90% dos equipamentos da cardiologia do Hospital. Isto impôs uma paralisação temporária dos serviços.

Mesmo sabendo da saída da FBC, com bastante antecedência (mais de 18 meses), o Reitor e os diretores pro-tempore do HUPES (nomeados pelo Reitor) não prepararam nenhum tipo de plano de transição para saída da Fundação e garantia da manutenção dos serviços. Apenas quatro dias antes da saída da FBC, o Reitor através do diretor pró-tempore do HUPES nomeou comissão para acompanhar o processo e definir o que era patrimônio da FBC e o que era patrimônio da UFBA. Mesmo tendo acesso a informação de que a Fundação estava levando equipamentos sem autorização, o Reitor e o diretor pró-tempore não fizeram nada para impedir a retirada dos demais equipamentos. Até hoje o Reitor não acionou a Polícia Federal, nem deu entrada na Justiça com pedido de busca e apreensão dos equipamentos roubados pela FBC.

Apesar de tudo isto, aos poucos o setor de cardiologia do HUPES foi se reestruturando e hoje praticamente mantém a mesma quantidade de serviços prestados pela FBC, só que com uma grande diferença, 100% para o SUS. Hoje já é praticamente consenso que a FBC parasitava a UFBA. Além disto, a própria reitoria teve que reconhecer em documento oficial que a FBC nos deve cerca de 47 milhões de reais!

11º CONEB: uma conquista!

Segue o documento lançado pelo Fórum de Executivas e Federações de Cursos em fevereiro deste ano:

A União Nacional dos Estudantes ao longo de sua história representou a luta dos estudantes do país em defesa da educação pública e de bandeiras referentes à superação do modelo social vigente. Exemplo disso foi a Campanha pelo petróleo na década de 50, a luta contra a ditadura militar e o Fora Collor em 1992. Em todos estes momentos a UNE esteve ao lado dos estudantes na defesa dos interesses da classe trabalhadora.

Contudo, a partir da década de 90 a direção da entidade iniciou um longo e ainda inacabado processo de burocratização e ataques à democracia no interior do Movimento Estudantil. Com o mesmo grupo político em sua direção há mais de quinze anos (UJS/PCdo B), o aparato da entidade vem servindo à política de perpetuação no poder do referido grupo, deixando de lado a luta por uma educação pública, gratuita, laica e socialmente referenciada. Distanciando-se cada vez mais dos estudantes, a UNE realizou o último Conselho Nacional de Entidades de Base (no qual reúnem-se CA's e DA's de todo o país) em 1998. Desde então, exacerbou-se o caráter burocratizado e pouco representativo da entidade, caracterizado pelos Congressos despolitizados, com poucas discussões e resolvidos pelos "acordões" das direções das forças políticas.

Tal quadro vem progressivamente minando as possibilidades de disputa dos rumos da entidade, uma vez que pouco espaço existe para que as forças de oposição à direção majoritária (partidárias ou não) façam a discussão nos fóruns da entidade. Permeados única e exclusivamente pela disputa partidária, os espaços da UNE hoje pouco refletem os embates travados pelos estudantes no interior de suas universidades. Esta situação agravou-se com o apoio dado pela entidade à Reforma da Educação Superior encaminhada pelo Governo Federal.

Os espaços da UNE hoje pouco refletem os embates travados pelos estudantes no interior de suas universidades.

Em 2006, após oito anos sem a realização do CONEB, pressionada pela oposição e pelo fato de várias entidades não mais reconhecerem a UNE como entidade representativa, foi convocado o 11º Conselho Nacional de Entidades de Base. As Executivas e Federações de Cursos, reunidas no Fórum de Executivas e Federações de Cursos (FENEX) nos dias 11 e 12 de Fevereiro na Universidade Federal Fluminense, em conjunto com vários DCE's, consideram o CONEB como um espaço de fundamental importância para os rumos do Movimento Estudantil brasileiro. Neste sentido, o FENEX reivindica de forma legítima a participação de todas as Executivas e Federações de Curso na Comissão Nacional de Credenciamento e Organização (CNCO) do 11º CONEB.

Nos últimos anos as Executivas e Federações de Curso vêm progressivamente ocupando o espaço que cabe a UNE no combate à privatização da educação em nosso país. A luta contra essa reforma universitária e o boicote ao ENADE (antigo provão), que antes era organizado pela UNE, hoje depende da articulação das várias Executivas e Federações de Curso, DCE's, DA's e CA's. Torna-se mais do que necessária a retomada da trajetória de lutas da UNE. Sendo assim, fazemos um chamado aos Centros e Diretórios Acadêmicos para que ocupemos a UNE neste CONEB, como possibilidade do resgate do caráter democrático e combativo do Movimento Estudantil, não permitindo que sua história de vanguarda das lutas sociais deste país seja apagada.

VAMOS OCUPAR A UNE!

POR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL DEMOCRÁTICO E COMBATIVO.

CONTRA ESSA REFORMA UNIVERSITÁRIA. PELO BOICOTE AO ENADE!

FÓRUM DE EXECUTIVAS E FEDERAÇÕES DE CURSOS

Como foi sua matrícula?

O sistema de matrículas dos estudantes da UFBA novamente foi um caos. Levante a mão aquele que conseguiu sem dificuldade (ou até com ela mesmo) se matricular em todas as disciplinas que pretendia esse semestre. É provável que 90%, pelo menos, vai ficar com os braços bem baixinhos.

Pois é pessoal. Entra semestre, sai semestre e as coisas por aqui não mudam. Lista de disciplinas obrigatórias e optativas disponibilizadas pelos departamentos que não atendem a demanda dos estudantes, sem vagas o suficiente e a conclusão: atraso desnecessário no curso.

Pra quem pensou que a matrícula on-line resolveria o problema das filas e da espera por horas até ser atendido, se enganou. A matrícula pela internet foi outro fiasco. Vários estudantes que receberam aquela mensagem "MATRÍCULA EFETUADA COM SUCESSO" levou um susto quando viu que as matérias em que tinha pedido matrícula não tinha vagas e que a fila e espera seria inevitável no reajuste.

Pois é pessoal. Parece que o problema não é apenas no sistema em si. O problema é a falta de oferta de disciplinas, a falta de professores, a falta de disciplinas a noite, a falta de sensibilização dos professores para que isso não aconteça. Vamos mais longe ainda, este não é só um problema da UFBA é um problema de todas as IFES (Instituições Federais do Ensino Superior), que vêm sendo cada dia mais sucateadas e mercadorizadas, com a falta de verbas, enquanto milhões são encontrados nas cuecas do Planalto.

Devemos nos organizar e lutar por melhores condições, pois só assim conseguimos resistir à destruição da Universidade Pública até hoje, mantendo-a no mais alto "padrão de qualidade" e produzindo conhecimento sempre. Este conhecimento tem que servir para transformar a sociedade e não para reproduzir velhos modelos aos quais estamos esmagadoramente submetidos atualmente.

Saudações estudantis,
DCE/UFBA

Ações Afirmativas e Assistência Estudantil

A UFBA é uma das pioneiras na implementação das políticas de ações afirmativas no país, não por causa de concessões do estado ou de reitorado, mas pela luta dos movimentos organizados pelo acesso e permanência dos jovens no ensino superior público. Neste momento, algumas informações circulam na mídia acerca das fraudes de pessoas que, através da aquisição de diplomas irregulares no ensino médio da rede pública, pleitearam as vagas cotistas e foram eliminadas do processo. Isso nos dá elementos do sucateamento extremo do ensino fundamental, médio e superior no país, e de como devemos agir.

Essa correlação do pioneirismo com as fraudes demonstra o vácuo que existe entre a idéia e a realidade, e expressa a necessidade de ampliar o debate acerca Reforma do ensino superior, da Assistência Estudantil na UFBA, e principalmente, do debate acerca das Políticas Públicas para a educação, em todos os níveis. Na aparência culpar indivíduos não é o essencial, mas desmascarar um sistema de ensino falido e fadado a formar seres humanos bestializados e obedientes à ordem vigente, retirando os instrumentos da juventude de como superar, de forma crítica e criativa, os problemas sociais.

No contexto da luta de classes e a partir das experiências nos embates contra esse antagonismo social, devemos ter no horizonte que as conquistas foram através da luta e não de concessões da elite, portanto o acesso a um bem público é direito de todos e dever do estado, a partir da organização e ação unificada dos diversos setores da classe trabalhadora. A conjuntura para implementação das cotas vem das condições objetivas que existem neste país, tanto pela eleição do governo Lula com suas raízes nos movimentos de base, como pelos acontecimentos neste estado, como o 16 de maio de 2001, que impulsionaram amplos setores da esquerda, setores excluídos e organizados, a irem para as ruas lutarem por direitos e não por migalhas.

Em agosto de 2003 o DCE-UFBA encampa a luta pelas cotas e ocupa a reitoria, pressionando o reitor a executar a proposta já em discussão. Não foi obra de nenhum "baloarte" isso, mas sim da classe trabalhadora organizada, ao longo dos anos, que reivindicaram com atos radicais essas mudanças. O projeto aprovado já dava a falta de recursos como linha de execução das políticas afirmativas, demonstrando que as dificuldades só seriam superadas, quando realmente a essência da questão fosse atingida e uma política fosse adotada como prioridade: dinheiro público é para universidade pública. Ou seja, tínhamos um longo caminho pela frente no sentido de barrar a Reforma Universitária privatizante do governo, garantir recursos específicos para Assistência Estudantil, melhoria das condições de trabalho do corpo docente e técnico administrativo, enfim, um conjunto de fatores influenciariam na consolidação ou não das políticas afirmativas, e que precisamos retomar essa força nos fóruns do ME e nos atos de rua, pressionando o governo para mais verbas para a educação.

Há de se analisar também que com a política econômica atual do governo não haverá política pública que seja eficiente e atenda as reivindicações, acreditar nisso é transformar a luta histórica em políticas compensatórias, assistencialistas e de alívio da pobreza, pois se não chegam os recursos para o povo e sim para os

Banqueiros, como transformaremos a universidade pública em direito de todos e dever do estado? Com mais de 51% da população brasileira vivendo com menos de três salários mínimos, como irá estudar o povo? Se não há ensino básico gratuito e de qualidade, como a juventude poderá estudar com dignidade?

Com uma exclusão de 65% de jovens entre 15 e 17 anos do ensino médio, e cerca de 90% da juventude fora do ensino superior, a nossa responsabilidade é erguer insistentemente as reivindicações históricas dos trabalhadores, e não defendê-las por partes. A essência é que sem financiamento público não há política que consiga sobreviver a tanta miséria. Precisamos recuperar as reivindicações da ocupação: assistência estudantil, aberturas de vagas e dos cursos noturnos, fim do vestibular, Restaurante Universitário JÁ, residências com condições humanas de vida, bolsas de iniciação científica, enfim, lutar por Políticas Universais para a Educação Pública.

Analisando as fragilidades do sistema, o acúmulo de forças e os dados da educação no Brasil, podemos constatar as condições objetivas para caminharmos nas ruas reivindicando o direito de todo o povo: acesso aos bens culturais produzidos na humanidade. Neste sentido, chamamos os movimentos organizados a engrossarem as fileiras de combate com autonomia, e na Calourada Unificada exigirmos nas manifestações o atendimento de nossa pauta. Os privilegiados por estarem no ensino superior têm o compromisso em defender as bandeiras do povo, a unidade dos estudantes deve buscar superar as necessidades impostas por este mundo contraditório, deve contribuir com a derrubada da elite do poder e dar continuidade a construção do novo mundo da sociedade sem classes.

"Que se pinte de negro, que se pinte de mulato, que se pinte de operário,... pois a Universidade não pertence a ninguém e sim a todo o povo."
Ernesto Guevara

Informativo

Calourada Unificada da UFBA

No dia 10/03 teremos a 1ª Calourada Unificada da UFBA, realizada pelo DCE, DAs e CAs. O evento começa com uma mesa de debates pela manhã (no nosso futuro Restaurante Universitário), em seguida teremos um almoço coletivo, oficinas pela tarde e uma Cultural à noite (no Instituto de Biologia). Não deixe de comparecer!!!

FENEX

O próximo Fórum de Executivas e Federações de Curso acontecerá nos dias 01 e 02 de Abril aqui na UFBA. Informe-se no seu DA ou CA e participe!